

## RESENHAS

PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato P. *O livro de ouro da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 397 p.

*Cristiano Pereira Alencar Arrais\**

Clio, sequiosa de novos admiradores, se faz presente nas livrarias tentando suprir em um público cada vez mais numeroso a curiosidade e a carência de conhecimento sobre o seu passado. E o instrumento pelo qual a musa fala – o historiador – parece estar bastante adaptado a essa procura. Não é para menos: em épocas de homogeneização dos mercados e de culturas, de internacionalização das economias nacionais, em que o argumento neoliberal se lança contra a idéia de Nação em nome de uma globalização que enxergamos mais como uma ameaça do que como possibilidade, sentimos cada vez mais necessidade de buscar orientação em nossa vida prática cotidiana.

Nesse sentido, a história cumpre um de seus papéis. Tenta suprir essa carência através de referências pretéritas que possam produzir identidade e fundamentar nosso sistema de significados. Ela produz sentido para a vida. Tal relação pode ser notada pela crescente demanda de livros de história lançados anualmente no mercado. Literatura, biografias de reis, príncipes, santos, tradições populares, festas religiosas, famílias importantes procurando desvendar sua árvore genealógica, homens públicos ordenando e reordenando sua trajetória de vida etc. – tudo se transforma em um grande mote para o discurso histórico. Ela está *na moda*.

Aliados, história e mercado desenvolveram novas e formidáveis maneiras de difundir seu discurso. Exploraram caminhos antes renegados

\* Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

ao esquecimento, reformularam a narrativa histórica através de um intenso e muitas vezes conflituoso diálogo com outras áreas de conhecimento. Incorporando os interesses de seus contemporâneos, cada uma dessas obras revela a marca de seu tempo.

Caso mais recente é o novo livro em epígrafe, de Mary del Priore e Renato Pinto Venâncio. A obra, em suas 397 páginas, procura retratar a história do Brasil desde o seu “achamento” por Portugal até os dias atuais, não só buscando evitar a ênfase a datas e locais, mas tentando produzir uma análise abrangente da formação da sociedade brasileira. Pretende-se, como afirmam os próprios autores, favorecer a leitura e, conseqüentemente, a interpretação da história do Brasil, mediante a narrativa de uma grande aventura. Bem escrita, justificando a auto-referência de contadores de história, que os autores se dão, é uma obra de síntese, direcionada a um público não especializado e tem seu ponto forte na pesquisa documental. Além de conter uma bibliografia extensa (mesmo deixando de lado obras caras à historiografia brasileira), utiliza-se de um grande e variado número de fontes – fotos, gravuras, documentos oficiais, mapas, gráficos, iconografia etc. Repleta de informações, muitas vezes não encontradas em livros didáticos, divide-se em 32 pequenos capítulos que tratam dos mais variados temas.

Vinculados ao movimento historiográfico intitulado História Nova, os autores deixam claro que procuraram empregar todo seu talento de contadores de história na feitura do livro; consideram que toda a história traz a marca de seu tempo e que a obra é escrita à luz dos problemas levantados quando da sua feitura. Entretanto, um dos problemas da obra é justamente esse. Ela não parte de uma problemática específica, não deixa entrever com clareza, em momento algum, as interrogações contemporâneas que moveram os autores: escreveram um livro “porque deu vontade”, como afirmaria Umberto Eco, ou essa decisão foi menos pessoal e mais editorial? Talvez, pelo seu caráter de síntese, a história-problema tenha sido abandonada. Entretanto, exatamente por isso, o livro assume um tom quase que descritivo da história, chegando em alguns momentos a tornar-se dispensável, raso e irrelevante. E nesse sentido contrapõe-se a uma diretriz básica dessa mesma Nova História, que, segundo Le Goff, tem como proposta abandonar a história-narrativa.

Uma segunda questão diz respeito ao tom do livro. Os autores explicitam que procuram analisar a história privilegiando a vida das

peças comuns, a experiência social, para encontrar nesse “vívido” o fio que dirigiria sua análise. Entretanto, o que vemos é um fio descontínuo que a todo momento muda de direção. De certo tipo de história dos costumes, presente nas análises sobre o período colonial, os autores vão vagarosamente mudando o tom de sua narrativa para, aportando no período republicano, nos colocar às voltas com uma história política.

Os três séculos de história colonial são, quantitativamente, os mais privilegiados, certamente porque esse período coincide com o recorte temporal da pesquisa acadêmica dos autores. Nessa parte encontraremos temas os mais variados: a viagem de Cabral, religião na Colônia, administração portuguesa, a produção de açúcar, escravidão, extração de ouro, cidades coloniais, rebeliões etc. Rica em detalhes e informações sobre cada um desses temas, a obra reflete aqui a maestria dos autores. Entretanto, ela peca pela falta de uma análise conjuntural que possa inserir a então colônia portuguesa da América nos quadros da política econômica metropolitana. Falta vínculo com o momento específico pelo qual passa a Europa, falha que pode ser debitada ao gênero da obra.

Alguns capítulos merecem destaque como o intitulado “Poder e poderes”, onde se discute a distribuição de poder dentro do período colonial, com ênfase tanto na organização administrativa colonial quanto no nascimento e crescimento dos potentados rurais espalhados pelos sertões. Ou então, o que trata dos quilombos e das suas relações com a sociedade colonial, em especial as cidades próximas daquelas comunidades.

Outros, porém, apresentam lacunas. O que trata do período aurífero, por exemplo, “um dos capítulos mais emocionantes de nossa história”, segundo palavras dos autores, é desenvolvido em poucas páginas repletas de figuras, nas quais passam despercebidas as zonas de mineração do período. A narrativa utilizada prefere ignorar o calibre desse evento para aquele momento e suas implicações futuras para a história do Brasil. O que trata das cidades coloniais as apresenta como caóticas e sem qualquer estrutura urbana, o que vem sendo criticado pela historiografia recente por haverem sido comprovados princípios de planejamento urbano lusitano no estabelecimento de um programa de construção de vilas tanto nas zonas mineratórias (como no caso de Vila Boa), como em cidades litorâneas e mesmo em aldeamentos indígenas no norte e nordeste do território. Também não encontramos nessa parte

qualquer tipo de análise econômica que ajudem a solucionar nossas dúvidas.

O século XIX e o período imperial brasileiro são sintetizados em cinco capítulos, nos quais, apesar de negligenciar algumas questões (como as conseqüências da inversão de capitais com o fim do tráfico negreiro, por exemplo) e valorizar outras (como a presença maciça de escravos dentro dos movimentos abolicionistas da época), os autores apresentam análises interessantes, sobretudo acerca do processo de independência e abdicação de Pedro I e do complicado jogo de interesses envolvendo o acesso de Pedro II ao trono.

Seguindo a tendência observada na análise do período imperial, ao tratar da instalação da República, os autores abandonam quase que completamente o tom culturalista utilizado no início de seu texto. O elemento dominante e quase homogêneo é então o terreno da política.

Por outro lado, assim como trabalha com bastante flexibilidade temas tão diversos como o movimento operário, o ambiente contraditório da *belle époque* ou mesmo o varguismo e sua política trabalhista, a obra também apresenta pequenas falhas no tocante à história de Goiás. Referindo-se ao ambiente coronelístico nos primeiros anos do século XX, menciona uma intervenção federal em Goiás resultado de disputas pelo poder local entre os Caiado e os Wolney. Talvez quisessem se referir à luta política ferrenha travada no mesmo período entre os Bulhões e os Fleury, visto que a dominação caiadista no estado só se torna visível a partir da década de 1910, se estendendo até 1930.

Se tem o mérito de trazer ao público leigo uma série de informações e pesquisas que, em geral, ficam restritas às universidades e grandes centros de pesquisa, tem também o demérito de abandonar uma perspectiva propositiva que convide o leitor a uma verdadeira reflexão sobre nosso passado e nossa vida cotidiana. Ao fechar o livro, temos a desagradável e decepcionante impressão de que a narração dessa aventura, pela tentativa de construir um texto de leitura prazerosa, suave, agradável e de fácil entendimento, não consegue garantir a abordagem reflexiva que se esperava.